

**CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
SIAMO DONNE – DIVAS DO CINEMA ITALIANO
18 e 27 de novembro de 2021**

**RESPIRO / 2002
(Respiro)**

Um filme de Emanuele Crialese

Realização e Argumento: Emanuele Crialese / Produção: Domenico Procacci / Co-produção: Anne-Dominique Toussaint Produção Associada: Raphaël Bergudo / Direção de Fotografia: Fabio Zamarion / Montagem: Didier Ranz / Casting: Stéphane Zito / Direção Artística: Beatrice Scarpato / Música: Andrea Guerra e John Surman / Guarda-roupa: Eva Coen / Interpretações: Valeria Godino (Grazia), Vincenzo Amato (Pietro), Francesco Casisa (Pasquale), Veronica D'Agostino (Marinella), Filippo Pucillo (Filippo), Muzzi Loffredo (Nonna), Elio Germano (Pier Luigi) / Cópia: 35 mm, a cores, falado em italiano, com legendas em português / Duração: 94 minutos / Estreia Mundial: 20 de maio de 2002, Festival de Cannes, França / Estreia Nacional: 20 de junho de 2003 / Primeira apresentação na Cinemateca.

Não é fácil interiorizar que num “paraíso na Terra” chamado Lampedusa se passem dramas humanos como aqueles a que temos assistido nos últimos tempos, a propósito da desesperada e tantas vezes trágica “vinda à costa” de pessoas provenientes de países em guerra. Em 2011, Crialese filmaria uma história alusiva ao problema do fluxo de refugiados chegados à Sicília, protagonizada por um família de pescadores e recorrendo a alguns dos mesmos atores de **Respiro**, a começar pelo já-não-tão-pequeno-assim Filippo. Essa obra ganhou o título **Terraferma**. Antes disso, muito antes disso, houve, então, **Respiro**, história com alguns laivos do neorealismo italiano – mal disfarçando o intuito académico de “copiar” os mestres (Visconti, Rossellini e, até, Fellini) – e/mas que se propunha, acima de tudo, “cantar” a beleza natural da paisagem, bem como, nela, dos corpos que a animam, os desse povo que vive daquilo que o mar lhe dá, ou melhor, que respira e cheira a mar.

Crialese também tinha o intuito de mostrar uma sociedade de costas voltadas para o mundo moderno, polvilhada por corpos bronzeados, livres e saudáveis (invejável a beleza dessa liberdade e dessa salubridade), mas de mentalidade ainda fechada, demasiado entretida com coscuvilhices e credices, e enfrentando condições de vida bastante difíceis. Apesar do receituário dramático puxar para a tragicomédia à italiana, o que guardamos do filme que projetou internacionalmente Crialese, antiga esperança do cinema italiano, nascida em Roma mas formada nos Estados Unidos, é a paisagem mediterrânica e a maneira como os seus atores majestosamente belos se movimentam e interagem entre si em perfeita comunhão com essa envolverência natural, ora dura e rochosa, ora líquida e flutuante. Nesse particular, destacam-se as cores da paleta do diretor de fotografia, Fabio Zamarion: o azul intenso do céu e o amarelo do areal e da rocha, paisagem contra a qual a humilde família-modelo trabalha e vive, destacando-se, claro, o casal composto pela “mulher sob influência” Grazia, encarnada pela belíssima diva Valeria Golino, e o pescador Pietro, interpretado pelo galã Vincenzo Amato, que trabalhara com Crialese na sua primeira longa-metragem, produção italo-americana intitulada **Once We Were Strangers** (1997).

Ao casal do filme juntam-se as três crianças (Pasquale, Filippo e a não tão criança assim Marinella), todas vadiando livremente na paisagem, todas abençoadas por uma beleza natural, “de catálogo da Benetton”, que transpira uma vitalidade oriunda tanto da sua idade como do facto de Crialese as mostrar sempre em ação, trabalhando, brincando, namorando ou

provocando situações mais ou menos burlescas (a história das rifas...). É muito delas que vem a dimensão cômica desta tragédia à italiana.

Num artigo precisamente intitulado «Tragicomédia à italiana», escrito para o jornal *Público* em 18 de junho de 2003, Mário Jorge Torres resume exemplarmente as forças e fraquezas desta segunda obra de Crialese, sublinhando como esse lado do filme, que eu chamei, se calhar preguiçosamente, “acadêmico”, resulta num amálgama de referências algo confuso, querendo este filme ser, ao mesmo tempo, uma espécie de celebração da “italianidade”, nas suas imagens-postal da bela Sicília, e uma crítica aos costumes, versando, à maneira de Visconti, sobre “uma ilha e os seus habitantes, a braços com o tempo e com o atavismo de uma vida sem sentidos”. Apece dizer mais: Crialese alimenta-se ainda de uma certa linguagem de fábula – marca de um cinema italiano contemporâneo que vai de Giuseppe Tornatore a Alice Rohrwacher –, acrescentando-lhe a sugestão de um certo misticismo católico proveniente, porventura, de Rossellini, já que **Respiro** recorda, a espaços mas muito essencialmente, a história da mulher que se julga santa, interpretada por Anna Magnani, no segundo “episódio” de **L’amore** (1948). História de uma louca virada santa, de uma mulher tornada numa ilusão, numa alucinação beatífica para a mesma comunidade que a rejeitou quando esta era imprevisível e “só carne” – no meio de todas as incursões no concreto e no líquido da paisagem, Crialese refugia-se numa fábula mística na qual não mergulha a fundo, nunca se descobrindo para lá da superfície daquilo que lamentavelmente apenas enuncia.

Luís Mendonça